

A comunidade acadêmica recebeu uma ótima notícia nos últimos meses: a volta de uma velha conhecida, a revista *Entrelinhas*, importante veículo de informação, de divulgação de experiências que possibilita trocas; espaço de aprendizado, no qual podemos contracenar com os universos gramatical, literário, científico e com as mais diversas formas de lidar com a escrita e com os meandros que conduzem a ela. A *Entrelinhas* vem repaginada, moderna, arrojada, atrelada às novas formas de comunicação. Nas atuais circunstâncias, de Internet e informação em tempo real, o veículo mostra que está plenamente adequado. A revista é *online*, disponível e ao alcance de todos que tenham como “profissão de fé” o exercício da escrita ou, em relação a ela, uma afinidade e uma curiosidade que fazem andar sempre em busca de novidades. Como diria o eu-lírico de *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, “ai palavras, ai palavras, que estranha potência a vossa”, percebo na revista a manifestação da força da palavra; há no âmago deste periódico uma genealógica vocação de ser um oportunizador de espaço acadêmico.

Tenho uma licença quase poética para mencionar aspectos ancestrais da Revista, pois sou do tempo em que ela era em papel, tablado por onde vi desfilar inúmeros textos que avalizaram o meu processo de aprendizado dentro do curso de Letras. Comemoro a volta da publicação, sei que, assim como eu, que um dia fui acadêmico –“não vos iluda o velho que aqui vai” - inúmeros outros poderão usufruir um material de mais alto nível. Espero que *Entrelinhas* tenha muito êxito nesta nova etapa. Quero aproveitar para desfiar os fios de minha memória e buscar aquele momento que, se não foi a gênese da publicação, está muito próximo de ser. O ano era 2001, a disciplina, Literatura Oitocentista, o Mestre, professor Sérgio Farina. A maioria dos alunos daquela turma, naquele semestre, era iniciante no Curso. Estávamos ensaiando os primeiros passos que nos prometiam uma colação de grau em data incerta e, dessa forma, palavras como “resenha”, “ensaio”, “artigo” eram elementos nada familiares aos nossos pálidos vocabulários, de nossos textos descaracterizados, carentes de uma formatação acadêmica mais apurada. Pois bem, em meio a tudo isso, ao pântano de nossa incipiente produção textual estava o Mestre, revelando-se em seus pequenos detalhes, nos discretos gestos a nos mostrar que produzir um artigo, um ensaio ou uma resenha era possível, que o caminho a ser seguido era o da leitura e o da escrita várias vezes realizada, refeita, insistida. O professor Sérgio Farina, no planejamento de sua disciplina, entre indianismos vários, dividiu a turma em grupos. Cada qual deveria, por intermédio de múltiplas mãos, explorar a obra *O guarani*, de José de Alencar, sob diferentes ângulos e, pasmem, ao final, os textos ensaísticos seriam publicados pela Cooprac. A publicação de nossas análises de *O guarani* foi um sucesso. Grande foi a diferença entre o início e o fim daquele longínquo semestre, um “quadro da memória” que emoldura a lembrança do Mestre e de seus ensinamentos.

No trânsito do semestre, o corajoso professor, em determinada aula, apresentou aos alunos uma publicação impressa, que estava sendo lançada. Era a gênese da revista *Entrelinhas*, disponível à comunidade por assinatura. Não tenho clareza sobre o valor exato, creio que em

torno de R\$ 10,00 por semestre (a edição era bimestral, cada assinante receberia três revistas por semestre). Lembro que a renovação da assinatura custava R\$ 12,00. “Enviar cheque cruzado, nominal à Editora UNISINOS. O recibo será remetido pelos Correios”.

Naquele momento, percebemos que a leitura de *Entrelinhas* era uma maneira de buscarmos um incremento ao nosso caminho dentro do Curso; ali tivemos noções de como escrever uma resenha, aprendemos maneiras de abordar livros considerados chatos, inclusive. Entramos em contato com diferentes produções acadêmicas, aprendemos regras gramaticais, ou seja, a revista foi um excelente instrumento de crescimento àqueles tímidos acadêmicos que, em conflito, ainda revelavam tons do progresso Ensino Médio, e que eram carregados de receios na hora de escrever. Com a leitura dos ensaios, dos artigos, das entrevistas, tínhamos acesso à produção acadêmica de qualidade, percebíamos onde estávamos e para onde deveríamos ir. Publicar algo na revista era o convite e a provocação do Mestre, creio que essa possibilidade era muito positiva, afinal seria a oportunidade que teria o aluno de mostrar sua produção para um público maior, embora, para muitos de nós, escrever ainda era um ofício que nos dava medo.

O meu contato com a revista *Entrelinhas* há dez anos retrata um momento histórico particular dentro da Universidade, um olhar de descoberta de quem está no início da trilha. Hoje, as velhas *Entrelinhas* ainda fazem parte de minha trajetória, veteranas companheiras a quem consulto, que me ensinam e fazem com que eu perceba como foi longa a trajetória e como é vasta a possibilidade de trabalhar com leitura e escrita. O retorno de *Entrelinhas*, para quem testemunhou seu nascimento, é motivo de alegria e de saudade; alegria, porque inúmeras serão as novas contratações; saudade, porque promove o meu encontro com aquele aluno lá do início de Curso. Hoje tenho algumas certezas que ele não tinha, porém, mesmo que ele não saiba, as dúvidas que conjugo são ainda maiores do que aquelas contra as quais ele lutava. Nesse encontro de gerações, temos a possibilidade, ainda, de seguir adiante neste universo de conhecimento produzido e divulgado. Que as palavras nos amparem, sejam elas reveladoras, ou que nos conduzam à decifração de uma série de não ditos, os quais temos que trazer à tona pelo exercício da leitura. E que as palavras nos ensinem o caminho da liberdade. “Liberdade, esta palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda”.